



Sem feminismo não há agroecologia: oficinas comunitárias e troca de saberes entre as mulheres do Pré-Assentamento Lucilene Fernandes

Sin feminismo no hay agroecología: talleres comunitarios e intercambio de conocimientos entre las mujeres del Pre-Asentamiento Lucilene Fernandes

DINIZ, Juliana Mota¹; RIBEIRO, Luiza Azevedo²

UFU, julianamdiniz@gmail.com¹; UFU, luizaazevedoribeiro@hotmail.com²

Tema Gerador: Mulheres e Agroecologia

Resumo

Com o intuito de expandir a agroecologia para além da agricultura na região de Uberlândia-MG, o NEA-UFU/GUARAS/CIEPS pretendeu reconhecer e promover o protagonismo das mulheres no campo. Surge o programa “Sem feminismo não há Agroecologia!”, o qual se propôs a articular oficinas comunitárias e autogestionadas para troca de saberes entre as mulheres do Pré-Assentamento Lucilene Fernandes. Este trabalho aconteceu por meio de encontros quinzenais no primeiro semestre de 2016. A Metodologia se fundamentou na troca de saberes, talentos, memórias, no protagonismo e empoderamento feminino, e na geração de trabalho e renda. O êxito do trabalho realizado se demonstra no fato de ainda hoje as mulheres continuarem se reunindo, compartilhando seus dons e ofícios. Os produtos desse processo são comercializados na Feirinha da Economia Popular Solidária, o que contribuem para a geração de renda, fortalecem os laços comunitários e se inserem com voz ativa na transição agroecológica e na comunidade.

Palavra-chave: Economia Popular Solidária; protagonismo feminino; transição agroecológica.

Resumén:

Con el fin de ampliar la agroecología para allá de la agricultura en la región de Uberlândia-MG, el NEA-UFU/GUARAS/CIEPS tuvo el deseo de reconocer y promover el papel de la mujer en el campo. Inicia el programa “Sin feminismo no hay agroecología!”, que se propone articular talleres comunitarios auto-organizados para el intercambio de conocimientos entre las mujeres del Pre-asentamiento Lucilene Fernandes. Este trabajo ocurrió a través de reuniones quincenales en la primera mitad de 2016. La metodología se basa en el intercambio de conocimientos, talentos, los recuerdos, protagonismo y empoderamiento femenino, y en la generación de empleo e ingresos. El éxito del trabajo se muestra en el hecho de que hoy en día las mujeres siguen con los encuentros, compartiendo de sus virtudes y oficios. Los productos de este proceso son comercializados en la Feria de la Economía Popular Solidaria, que contribuyen para la generación de ingresos, fortalecen los lazos comunitarios y se introducen con voz activa en la transición agroecológica y en la comunidad.

Palabra-clave: Economía Popular Solidaria; protagonismo femenino; transición agroecológica.

Contexto

A agroecologia é uma ciência popular, holística e transformadora, que resgata e associa os diferentes conhecimentos, tanto científicos quanto populares, com o intuito, enquanto práxis política, de quebrar antigos paradigmas relacionados ao agronegócio e seus impactos ambientais, sociais e econômicos. Ela é um movimento que vai além



do ato de plantar, já que as necessidades para o desenvolvimento rural sustentável não são apenas das dimensões ambiental, técnica e econômica, mas também na social, cultural, política, sóciobiodiversa e espiritual.

A partir dos princípios e das experiências agroecológicas, vê-se a necessidade de construção de relações mais equitativas e igualitárias com o outro, seja do ser humano com a natureza seja entre os seres humanos. Os diversos sujeitos envolvidos nessas relações advêm de contextos de classe, gênero, etnia etc. diversos. E essas características podem influenciar e/ou serem determinantes em algumas situações. Negar a necessidade de se debater os impasses das relações de gênero circunscritos à realidade do campo é, nesse sentido, promover uma “transição” sem que se toque nas raízes da questão. Por isso, na perspectiva da Agroecologia, é importante perceber quais são as questões conflitivas que se colocam para homens, mulheres e jovens já que as diferenças entre eles são reais. Neste sentido, a Agroecologia é um movimento de construção de novos paradigmas e de transformação que confrontam, inclusive, padrões ideológicos patriarcais e colonizadores uma vez que democracia, justiça, igualdade e autonomia são direitos a serem garantidos de mesma importância como o é uma agricultura livre de agrotóxicos.

Desde que a Agroecologia se tornou pauta nas ações governamentais em políticas públicas como o PLANAPO (Plano Nacional de Agroecologia e Produção Orgânica), as mulheres tem sido um dos públicos-alvo na condução da prática agroecológica. Isso porque, desde o advento da agricultura, elas são responsáveis pela segurança e soberania alimentar. Desde sempre, o que se põe no prato tem de passar pelo crivo das matriarcas das famílias. Ademais, elas assumem a responsabilidade pela educação dos filhos. E, nesse sentido, para difundir a Agroecologia entre os jovens, é importante antes contar com o apoio e ação das mulheres para esse fim. Acredita-se que a igualdade de gênero, o respeito e valorização dos ofícios das mulheres nos lares e fora deles, o reconhecimento do protagonismo feminino na luta pela terra e pelo alimento saudável entre outros são alternativas paradigmáticas para o padrão convencional agronegocista e patriarcal do campo.

Com o intuito de expandir a ação agroecológica na região de Uberlândia, o NEA-UFGUARAS/CIEPS (Núcleo de Estudos em Agroecologia e Produção Orgânica da Universidade Federal de Uberlândia / Grupo Universitário de Agricultura com Responsabilidade Ambiental e Social / Centro de Incubação de Empreendimentos Populares Solidários) junto às mulheres do Pré-Assentamento Lucilene Fernandes, do Movimento da Luta dos Sem Terra (MLST), em Uberlândia-MG, pretendeu reconhecer e promover o protagonismo das mulheres no campo. O NEA-UFGUARAS apoiado pelo



CIEPS já vinha desenvolvendo ações educativas e técnicas no campo cujo enfoque esteve sempre nos acampamentos e assentamentos rurais. Cursos para a transição agroecológica, mutirões agroecológicos e agroflorestais, rodas de conversa voltado aos estudos dos princípios da Agroecologia, ATER-Agroecológica (Assistência Técnica e Extensão Rural Agroecológica) etc. eram algumas das ações que vinham sendo executadas até então. Faltava, no entanto, expandir a ação agroecológica para além da prática da agricultura.

Surge, portanto, o programa “*Sem feminismo não há Agroecologia!*”, o qual se propôs a articular oficinas comunitárias e autogestionadas para troca de saberes, talentos e memórias entre as mulheres do Pré-Assentamento Lucilene Fernandes. Com isso, o objetivo foi o de que elas ocupassem um lugar que resgatasse, ressaltasse e promovesse seu empoderamento e se tornassem atoras centrais. Isso porque cada uma, através de seus saberes acumulados, são determinantes e corresponsáveis, contribuindo significativamente na geração de renda de suas famílias, na soberania alimentar, transição agroecológica e na sustentabilidade de seus lares e de suas comunidades/movimentos sociais. Além disso, elas são protagonistas na busca, conquista e garantias de direitos para as populações rurais bem como na construção, consolidação e promoção da Agroecologia no Brasil.

Descrição da experiência

Este trabalho aconteceu durante o primeiro semestre de 2016, de fevereiro a junho, por meio de encontros quinzenais no lote de uma das agricultoras do Pré-Assentamento Lucilene Fernandes, aos domingos. A Metodologia se fundamentou na troca de saberes, talentos, memórias, autogestão, no protagonismo e empoderamento feminino, e na geração de trabalho e renda.

O primeiro encontro teve o intuito de diagnosticar através de um planejamento participativo a situação socioambiental e realidade social da comunidade através do compartilhamento das demandas das mulheres de modo a conferir visibilidade e garantir legitimidade às suas reivindicações. A proposta desse primeiro encontro era também permitir o compartilhar de ideias e experiências das mulheres da comunidade sob o plano de fundo das possibilidades que a Agroecologia pode oferecer para se pensar e problematizar a realidade das mulheres dentro de seus lares e comunidades, refletindo sobre o que, afinal, é ser mulher e ainda, o que é ser mulher no campo.

Através da Metodologia participativa “*Tecendo a teia*”, discutiu-se, no segundo encontro, sobre a dor e a delícia de nossos ofícios enquanto mulheres e honramos o feminino, sua força, em cada uma das mulheres presentes. Na sequência, foi construído



um “mapa de dons e talentos” agrupando, assim, as mulheres relativamente às suas potencialidades. A partir desse levantamento, elas construíram oficinas pedagógicas para a transmissão, troca e construção dos mais diversos saberes ao longo dos demais encontros.

Na primeira oficina, propriamente dita, foi facilitada uma oficina de saboaria artesanal e fitocosmética que teve como objetivo a partilha de saberes, experiências e receitas em relação aos usos medicinais e terapêuticos das plantas. Entre danças, cantos, histórias, cheiros e saberes foi produzido sabonetes com muitas das plantas locais. Esse encontro foi importante por oferecer às mulheres da comunidade estratégias de como organizar uma oficina. Elas até então se sentiam muito desconfortáveis e inseguras para isso. Quando, no entanto, perceberam que iriam apenas transmitir em uma rede de partilha os seus saberes e talentos, elas se apropriaram dessa missão. A partir de então, a felicidade em aprender, compartilhar e ensinar se preponderou nos encontros.

Já no segundo encontro, a data estabelecida previamente coincidiu com a Feira de Economia Popular Solidária do município de Uberlândia. Nesse sentido, as mulheres optaram por ocupar o espaço da feira com a comercialização dos produtos e alimentos produzidos por elas.

Na oficina seguinte, com o intuito de valorizar, resgatar, divulgar e sistematizar os saberes tradicionais e populares das agricultoras, as anciãs da comunidade (Pré-Assentamento Lucilene Fernandes) facilitaram uma oficina em relação aos medicamentos naturais para a cura de inúmeras doenças que afetam a população local. Elas levaram várias mudas, folhas e frutos para mostrar as diferentes formas e indicações de uso medicinais dessas plantas. Desta forma, essa oficina mostrou que as plantas medicinais atuam nas diversas dimensões da Agroecologia. Os saberes tradicionais associados ao patrimônio genético quanto à cura e usos terapêuticos demonstra como os aspectos social, econômico, ambiental, político e cultural estão intimamente relacionados já que a valorização e promoção da sóciobiodiversidade se torna uma estratégia de conservação dos recursos genéticos dessas plantas nativas e dos saberes a elas associados reduzindo a dependência externa e a utilização de medicamentos artificiais.

No encontro seguinte a temática foi a prática das artesarias. Uma das companheiras da comunidade levou seu seus panos de prato e toalhas trabalhados no crochê e patchwork. Ademais, foi transmitida também a técnica dos “Ojos de Dios” (uma representação sagrada do povo Huichol, no México, para a proteção de seus corpos e casas) de modo a trabalhar a simbologia terapêutica do uso das cores, do ato de tecer e de fazê-lo em um grupo de mulheres.



A oficina subsequente focalizava a construção de canteiros agroecológicos. Como algumas agricultoras estão na transição agroecológica de suas áreas agrícolas há um ano, desde a sua participação nos cursos, vivências e viagens junto ao GUARAS/NEA, elas se sentiram bastante confortáveis para facilitar essa oficina de forma a trocar com as outras mulheres os conhecimentos agroecológicos adquiridos. Nesse encontro foi construído um canteiro de ervas medicinais e de temperos utilizando técnicas como cobertura vegetal, incorporação de madeira e bananeiras no solo para adubação e consórcio de espécies. Foi discutido, além disso, a importância da união dos agricultores para a construção e a transformação das relações sociais e econômicas através do uso consciente e eficiente da terra para a regeneração dos ecossistemas e desenvolvimento humano social e local.

A oficina seguinte objetivou trabalhar o bem-estar, práticas de saúde e bem-viver das agricultoras. Com o intuito de trabalhar a união do corpo com a mente, a partir da presença de uma professora de yoga convidada, vivenciamos a prática do yoga a fim de que exercícios simples e eficazes possam se incorporados de forma a se sentirem mais dispostas a realizar as diversas atividades dos seus respectivos cotidianos.

O último encontro teve como tema central a segurança alimentar, alimentação saudável e agroecológica. Como os alimentos agroecológicos são mais ricos em nutrientes e mais saborosos do que os alimentos consumidos pela produção industrial de alimentos, o objetivo dessa oficina foi de trabalhar com o aproveitamento dos alimentos, as diferentes formas de preparo e sem a utilização de produtos industrializados e/ou com conservantes visando a qualidade de vida e o bem-estar dos agricultores.

Resultados

Ao longo dos encontros - enquanto plano de fundo - havia prolongadas discussões a respeito da organização das mulheres dentro da cooperativa (CoopeSafra) recém-criada de representação dos pequenos produtores do PA Lucilene Fernandes. Foi levantada repetidamente a necessidade de organização desse coletivo de mulheres dentro da gestão da cooperativa para que elas tenham voz nas decisões e espaço para comercialização dos produtos desenvolvidos durante as oficinas. Dessa forma, a discussão política a respeito das condições, possibilidades e demandas das mulheres daquela comunidade esteve aliada com as oficinas.

O trabalho durante todo o semestre foi registrado em formato audiovisual, fotográfico e artístico resultando, posteriormente, em uma cartilha de autoria compartilhada que leva o mesmo nome deste artigo. O êxito do trabalho fica demonstrado no fato de ainda hoje as mulheres do PA Lucilene Fernandes continuarem se reunindo - agora



semanalmente - para troca de saberes. Elas continuam compartilhando de seus dons e ofícios e com os produtos desse processo, comercializados na Feirinha Solidária (feira agroecológica baseada na Economia Popular Solidária que acontece semanalmente na Universidade Federal de Uberlândia), contribuem para a geração de renda de suas famílias, fortalecem os laços comunitários, se inserem com voz ativa na cooperativa e no movimento social (MLST) e desfrutam do seu empoderamento enquanto mulheres.

Não se pode deixar de afirmar, todavia, a inoperância de muitos dos programas, planos e políticas de agroecologia a nível estadual e federal cujos financiamentos têm sido interrompidos comprometendo muitas ações de fomento à Agroecologia que, não tendo a mesma sorte que a relatada, acabam caindo em descontinuidade, promessa e esquecimento.

A contribuição desse trabalho para a Agroecologia se dá tal como levantado por Toledo e Barrera-Bassols (2008) pelo fato de que é preciso resgatar e promover as diversas memórias bioculturais. Recuperar e dar voz para essa diversidade cognitiva, linguística e genética que habita nossas memórias bioculturais é uma importante tática de enfrentamento das crises que nos assolam. E a Agroecologia surge com o intuito de ressignificar, incorporar e promover os conhecimentos tradicionais com o propósito de sobreviver e superar as crises políticas, ambientais e econômicas. Entende-se, nesse sentido, que este trabalho objetivou focalizar as agricultoras familiares como corresponsáveis por conduzir o movimento agroecológico em suas comunidades e para além delas. Ademais, levando em consideração que a Agroecologia não se resume à mudança do pacote agrícola, as mudanças sustentadas pelo paradigma agroecológico devem atingir efetivamente as relações, seja do ser humano com a natureza seja entre os seres humanos. Negar a necessidade de debater os impasses das relações de gênero circunscritos à realidade do campo é promover uma “revolução pelo alto” (COUTINHO, 1985) sem que se toque nas raízes da questão. Fazer agroecologia é transformar também padrões ideológicos hegemônicos patriarcais e colonizadores, condicionados historicamente.

Agradecimento

Este trabalho é resultado parcial do Núcleo de Estudos em Agroecologia e Produção Orgânica da Universidade Federal de Uberlândia, executado a partir do Centro de Incubação de Empreendimentos Populares Solidários (Cieps/PROEXC/UFU).



VI CONGRESSO LATINO-AMERICANO
X CONGRESSO BRASILEIRO
V SEMINÁRIO DO DF E ENTORNO
12-15 SETEMBRO 2017
BRASÍLIA - DF, BRASIL

Tema Gerador 2

Mulheres e Agroecologia



Referência Bibliográfica

COUTINHO, Carlos Nelson. As Categorias de Gramsci e a Realidade Brasileira. In: *Crítica Marxista*, Roma: 1985. n. 5, ano 23. p.35-55.

TOLEDO, Victor M.; BARREIRA-BASSOLS, Narciso A memória biocultural: a importância ecológica das sabedorias tradicionais. São Paulo: Expressão Popular, 2015. 225p.